

São Paulo, 3 de março de 1967.

Ilmo. Sr.

Prof. Dr. José Ferrater Mora
Bryn Mawr College, Pennsylvania, USA.

Egrégio Mestre:

Fui informado pelo meu fraternal amigo, colega de turma na licenciatura em Filosofia, companheiro no IBF e confrade de lides forenses, - que V.S. teria determinado a um advogado de Brasília, D.F., que propusesse uma ação judicial contra minha pessoa sob a acusação de que a Introdução à filosofia, por mim compendiada à base de compilação do que me pareceu mais pertinente para os fins que eu tinha em vista, não passa de um deslavado plágio de seu notável Dicionário de filosofia no qual, talvez por descuido ou por extrema generosidade, aparece meu obscuro nome na diminuta constelação dos pensadores brasileiros. Posteriormente - é ainda o Irineu quem informa, transmitindo-me sua conversa de Brasília - preferira V.S., ao invés de mobilizar o pretório, tão somente sustar eventuais novas edições do mencionado compêndio. Afirmo-o, desde já, que a vontade de V.S. será atendida desde que eu tome conhecimento de toda a extensão do plágio a mim atribuído, pois, em verdade, se me utilizei, com algum excesso quem sabe, de seu estupendo Dicionário de filosofia, no entanto à página 51, na ÚNICA nota de minha Introdução à filosofia, tive a oportunidade de declarar o critério por mim adotado no que diz respeito às fontes, esclarecendo ainda que, não obstante não ter citado "nem uma só vez" o monumental trabalho de V.S. referido, "no entanto foi amplamente utilizado", concluindo: "De certo modo, o presente manual - [...] não seria o que é, sem o esforço catalogador e compreensivo da grande obra de Ferrater Mora". Por outro lado, na "advertência" tornei público, explicitamente, que no meu compêndio "o elemento compilação é avultado" (pág. 11), definindo-o como simples "manual" (pág. 12) que se limita a um fim desprezível: "resumo doutrinas" (pág. 13).

Diante disso tudo, permiti-me, então, ser tomado de surpresa diante do que me transmitia o Irineu, pois estava tranquilo quanto à minha nenhuma pretensão de escrever um livro absolutamente inaugural, fazendo justiça àquêles que me propiciaram a matéria prima e me limitando a reivindicar apenas a "montagem". No que concerne à participação das obras de V.S., vultosa, é fácil verificar através do índice onomástico, onde o nome 'José Ferrater Mora' é um dos mais citados. Certamente as inumeráveis citações não tenham sido suficientes, como no caso, por exemplo, do capítulo referente à axiologia, onde, ao que parece, tendo eu verificado que a fenomenologia dos valores, consoante aparece na obra de V.S., é a mesma proposta por Manuel García Morente, citara eu como fonte do § 80 as Lecciones do prateado decano da Faculdade de Filosofia de Madrid. Talvez tenha sido uma falha minha que estou pronto a corrigir, de modo especial em face da impressão que o Irineu teve em contato com

o advogado de Brasília que fêz ver ao meu amigo que V.S. estava provavelmente irritado com minha pilhagem intelectual, razão filosófica e pirataragem gatúnica de obras alheias.

Pôssô afiançar-lhe, Prof. Dr. José Ferrater Mora, que não tive nenhuma intenção criminosa, capitulada no Código Penal, ou qualquer intuito escuso de locupletar-me ao arripio dos dispositivos do Código Civil no que diz respeito ao direito autoral (de resto, tão irrisório no meu caso que poderia convertê-lo em minguados dólares e remeter-lhe-os, pois não visei fáceis lucros monetários mediante expediente ladravaz). Quanto à eventualidade de possível vaidade pessoal, declaro-o que sou constitutivamente um homem irônico e, como tal, por coerência e autenticidade, sou useiro em praticar em mim mesmo a ironia. Por isso, creia-me prezadíssimo confrade, a publicação de um livro com presumível autoria minha não me enriquece subjetivamente. Porque, em verdade, todo o meu esforço, quase sisífico, tem por objetivo criar um habitus filosófico em meu pobre e desgraçado país que, precisamente por falta de filosofia, ~~foi~~ tem passado pelas vicissitudes atuais, por todos conhecidas inclusive no exterior. Não é por acaso que os estudos filosóficos no Brasil têm passado por tantos percalços, entrando e saindo dos currícula do ensino secundário, já que a filosofia, entre nós, é tida como bomba de retardo e altamente subversiva (e não deixam de ter razão os possuídos de mentalidade conservadora...). Este é meu único objetivo: "filosofizar" a consciência brasileira. E para a consecução deste desideratum busco as categorias mentais pertinentes, coletando-as nas fontes que me parecem mais legítimas e adequadas, dentro as quais, seu favor, esplendem as obras de V.S. Daí a natureza compilatória do meu compendiar filosófico, sem outro propósito senão o de "iluminar" meu obscuro e obscurante país, prêsa agora de milicos impregnados da alienação "ordeira" de Conte e sua prole. Tarefa esta, de resto, praticada desde sempre por todos os compendiaadores e compiladores, por vêzes não tanto confessos quanto no meu caso.

Naturalmente estou às ordens de V.S. para quaisquer esclarecimentos e satisfações. Não fôsse o astronômico preço da passagem para quem vive numa economia subdesenvolvida como eu, não teria dúvidas em viajar para a Nova Inglaterra e, em Bryn Mawr, pessoalmente dar-lhe as explicações tôdas se estas não fôssen suficientes. Esta deferência decorre do fato que eu o tenho, Prof. Dr. José Ferrater Mora, na melhor das contas, e a obra de V.S. como da maior importância para a "filosofização" do meu anti-filosófico país. Caso contrário, não estaria eu aqui a justificar-me sob o terrífico quante de um escândalo intelectual, que é sempre vianda deglutida com avidez pelos intrigantes acadêmicos moral e intelectualmente teratológicos que gafam a inteligência nacional, nada fazendo e negando o pouco que se faz. Nesse sentido, aliás, informo-o que já estou farto desta frustrante missão que, quinotescamente, me impus, e não terei a menor dúvida em mandar a filosofia às urtigas (expressão eufêmica, já se vê, em face da cerimônia protocolar

que exige a etique^{te} nesta carta), vivendo a vida ao invés de pensá-la ou disputá-la. (A este propósito, dizia-me outro dia o Prof. Vilém Flusser que sua recente viagem à Europa e aos Estados Unidos acabara por convencê-lo da absoluta impossibilidade da comunicação, não vacilando em proconizar o silêncio wittgensteiniano. Disse-lhe eu que essa conclusão turística era sáfara, pois desde que um homem "capto" uma mulher e esta se resolveu dormir com êle, a comunicação é possível e até ... fecunda. Respondeu-me o pensador tcheco-brasileiro, com a tranquilidade de um cérebro eletrônico:

- "Mas isto não é filosofia!"

Pois se isto não é filosofia, lídima "sabedoria do amor" como insinuara o nosso querido Ortega y Gasset, está fora de dúvida que essa disputação onanista deyerá ser atirada às urtigas.)

Pedindo, por fineza, excusas pelo alongado desta conversa epistolar, que nada tem de edificante, aproveito a oportunidade que se me oferece para reiterar a V.S. a certeza de meu mais alto aprêço intelectual, subscrevendo-me

Afetuosamente.

Luis Washington Vita
Luis Washington Vita

Endereço do remetente:
Rua Santo Amaro 71, 6º, D.
São Paulo 3, SP, Brasil.